

**A PROFISSIONALIZAÇÃO DA ARBITRAGEM E SUA INFLUÊNCIA NA IMAGEM DOS ÁRBITROS:
UM ESTUDO NA ÓTICA DE PROFISSIONAIS LIGADOS À GESTÃO DO FUTEBOL
NO RIO GRANDE DO SUL**Lucas Guimarães Rechatiko Horn¹Luiza Naujorks Reis²**RESUMO**

Considerando a constante evolução do futebol, o surgimento dos gestores de clubes de futebol e o tema da profissionalização da arbitragem como pontos centrais, e partindo do pressuposto de que a imagem dos árbitros de futebol sempre foi alvo de desconfiança e suspeição no que concerne as suas condutas, este estudo tem como objetivo verificar se a profissionalização da arbitragem poderia influenciar na imagem dos árbitros na ótica dos profissionais ligados aos clubes de futebol no RS. Evidenciou-se que o preconceito vinculado à imagem dos árbitros parece não estar relacionado aos indivíduos que exercem a atividade, mas na atividade exercida por eles, ou seja, ao estereótipo vinculado aos árbitros de futebol.

Palavras-chaves: Árbitro de Futebol. Gestores. Estereótipo

ABSTRACT

Referee's professionalization and its influence on referee's image: a study through the view of professionals involved to the football management in Rio Grande do Sul

Given the constant evolution of football, the emergence of managers in football clubs and the issue of referee's professionalization as main points, and assuming that the image of football referees has always been the target of distrust and suspicious regarding their conducts, this study aims to check if the referee's professionalization could influence on the referee's image in the view of professionals involved to the football management in Rio Grande do Sul. It was evident that the prejudice linked to the referee's image seems not to be related to the individuals performing activity, but the activity exerted by them, more specifically, to the stereotype linked to Football referees.

Key words: Football Referees. Managers. Stereotypes.

1-Professor de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Especialista em Gestão do Esporte pela Universidade de Santa Cruz do Sul-Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.

2-Professora de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Especialista em Jornalismo Esportivo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

INTRODUÇÃO

A mudança de paradigmas no cenário esportivo atual lança um novo olhar sob a ótica do futebol. Relacionado cada vez mais a um negócio, o futebol tornou-se uma potência econômica que movimenta bilhões de dólares em todo o mundo (1,25% do PIB global), tornando-se um dos maiores mercados de trabalho no mundo.

Dentro da indústria do entretenimento, o futebol é um dos mercados esportivos mais promissores do próximo século e vem sendo responsável por gerar negócios em todas as esferas da atividade esportiva.

Anualmente, estima-se que este esporte movimente em negócios e operações empresariais originários do desporto em todo planeta a quantia de mais U\$ 400 bilhões de dólares, demandando profissionais qualificados e preparados para atuar nessa área.

Com base nos dados de Leoncini e Silva (2005), houve um crescimento exponencial, já que em 2005 a movimentação era cerca de U\$ 250 bilhões de dólares anuais.

Proni (1998) aponta que o futebol é considerado uma das atividades econômicas que mais crescem nos mercados globalizados, o que tem estimulado a entrada de grandes corporações empresariais e demandado métodos modernos de administração. Nesse processo, cada vez mais ganham mais destaque aqueles que vivem do futebol e que buscam fazê-lo mais profissional, já que ele caracteriza-se por uma forte incerteza estrutural (Claussen, 2006).

Melo Neto citado por Azevêdo, Barros e Suaiden (2004) diferencia a administração amadorista da administração profissional/empresarial.

Na primeira, o estilo de administração é baseado em valores de tradição e o comportamento do dirigente é influenciado por elementos emotivos, que acabam introduzindo uma dimensão irracional em suas decisões. Já na administração profissional, o clube fica sob permanente fiscalização pública e sua única possibilidade de permanência no mercado é a apresentação de resultados positivos ao longo de sua existência.

A gestão centra-se na visão do lucro e da rentabilidade de forma que seu processo de gestão está voltado para a busca de parceiros

comerciais e investidores e para as oportunidades de mercado.

Nesse contexto, crescem as perspectivas sobre a profissionalização do esporte, movimento que perdura há algumas décadas na Europa e em outros países, mas que no Brasil ainda é recente e que vem ganhando força de forma lenta e gradual.

Segundo Leoncini e Silva (2005), o Brasil está longe de aproveitar todo seu potencial. Comparado ao valor mundial citado acima, o futebol brasileiro representa menos de 1% dos bilhões de dólares movimentados anualmente.

Junto com a profissionalização, despontam os atuais gestores de futebol, que nada mais são do que os profissionais que atuam direta ou indiretamente na complexa realidade jurídica – administrativa – burocrática - econômica - gerencial desportiva, de modo que consiga responder satisfatoriamente as demandas que esse mercado lhes apresenta.

Para Marques e Costa (2009), dirigir um clube esportivo implica em dominar conhecimento de diversas áreas, desde legislação, conceitos de prestação de serviço até contratos e regulamentos de competições, o que torna complexo o exercício da gestão.

Dentro deste conturbado cenário, também se destaca a contestada figura do árbitro de futebol, que da mesma forma busca seu espaço por meio da profissionalização. Estigmatizados, os árbitros sempre foram figuras emblemáticas para os amantes do futebol no que concerne às questões éticas e de valores inerentes ao seu trabalho (Simon, 2004).

Para Nunes e Shigunov (2002), não há competição desportiva oficial que dispense uma equipe de arbitragem, pois é ela que faz respeitar as regras do jogo; e é ela que oficializa os resultados.

Contudo, apesar de o árbitro ser fundamental para o desenvolvimento da partida, o seu labor não vem recebendo a devida valorização (Pereira, Aladashvile e Silva, 2006).

Atualmente, os árbitros são completos amadores fora de campo. Sem estrutura física, técnica, tática e psicológica, são sujeitos a julgamentos infundados, xingamentos de baixo calão e críticas extremamente severas relacionadas às suas condutas éticas e profissionais (Nunes e Shigunov, 2002).

Tais autores acreditam que tais situações decorrem de problemas educacionais, sociais, econômicos e culturais vividos pelas pessoas ali presentes, além da influência exercida pela mídia.

Este estudo justifica-se, portanto, à medida que pretende confrontar duas questões polêmicas.

A primeira delas reside na hipótese deste estudo sobre a identificação da figura do árbitro, que dentro de campo é tida com desconfiança, mas que fora dos gramados parece ser tratada com profundo respeito.

A segunda é demonstrar o quanto a profissionalização pode interferir radicalmente na gestão esportiva realizada pelos clubes de futebol, uma vez que, conhecendo a ótica dos gestores de clubes de futebol no Rio Grande do Sul, é possível traçar um panorama sobre o futuro cenário da arbitragem neste estado e suas implicações na gestão dos clubes de futebol.

Considerando a situação vigente e a profissionalização da arbitragem como um ponto central deste estudo e partindo do pressuposto de que a imagem dos árbitros de futebol sempre foi alvo de desconfiança e suspeição no que concerne as suas condutas, este estudo tem como objetivo verificar se a profissionalização da arbitragem poderia influenciar na imagem dos árbitros na ótica dos profissionais ligados aos clubes de futebol do RS. Para isso, procuramos identificar qual é a atual visão destes profissionais com relação à arbitragem no estado.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para alcançar os fins pretendidos, este estudo adotou uma metodologia sustentada em fontes escritas e orais, submetidas à análise de conteúdo.

Bardin (2000) define a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter, por procedimento sistemático e objetivo de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam uma inferência de procedimentos relativos às condições de produção recepção dessas mensagens.

Pelo seu alto poder de investigação, por propiciar a redução de uma complexidade de conjunto de textos e por poder ser aplicada no exame de documentos escritos e transcrições de entrevistas individuais de

forma pormenorizada, a análise de conteúdo foi desenvolvida respeitando as fases propostas por Bardin (2000).

Neste contexto, foi realizada a seleção dos documentos (pré-análise); seguida pela exploração do material, com categorização das unidades de análise e descrição de cada categoria; culminando com o tratamento dos resultados que nada mais é do que a interpretação, feita por meio do desmembramento do texto em unidades, o que permitiu descobrir diferentes núcleos de significado. É importante ressaltar que este estudo utilizou-se de dados quantitativos para estabelecer a frequência de aparecimento de cada unidade temática, com base em porcentagem simples, possibilitando um panorama mais sintético dos resultados.

Com relação ao tratamento dos resultados, a divisão dos textos e entrevistas em unidades isoladas permitiu o desmembramento dos significados implícitos e o seu reagrupamento em categorias. Neste sentido, os dados encontrados puderam nos fornecer análises reflexivas e analíticas a respeito do objeto de estudo. Cabe salientar, entretanto, que a análise de conteúdo só se tornou possível à medida que este estudo se caracterizou pelo delineamento metodológico descritivo exploratório.

Foram entrevistados 12 sujeitos (duas mulheres e 10 homens), entre 24 e 45 anos, que pudessem fornecer informações úteis sobre a imagem da arbitragem no estado, todos participantes do Curso de Pós-Graduação em Gestão do Esporte promovido pela Universidade de Santa Cruz do Sul.

A escolha deste grupo tem por objetivo mapear futuros gestores de futebol que têm interesse em trabalhar ou que já trabalham nesta área nos clubes do Rio Grande do Sul e que podem, no futuro, lidar com as questões da profissionalização da arbitragem na sua gestão.

É necessário ressaltar que todas as entrevistas foram autorizadas pelos participantes, registradas por meio de gravação em áudio e transcritas, sem haver qualquer tipo de corte. As entrevistas continham perguntas abertas e fechadas, possibilitando ao entrevistador a inclusão de novos temas à medida que fosse necessário.

Para análise detalhada dos dados encontrados, dividimos os resultados em três grandes categorias. A primeira delas trata-se

da imagem do árbitro de futebol e seu estereótipo; a segunda refere-se à profissionalização da arbitragem e sua possível influência intra e extracampo; e, por fim, a terceira categoria está relacionada aos conhecimentos e experiências de cada indivíduo com a arbitragem, seja na vida pessoal ou profissional.

RESULTADOS

Para melhor ilustrar os resultados obtidos e com o intuito de obter dados pormenorizados do estudo, realizamos uma análise quantitativa das categorias estudadas de forma a estabelecer a frequência de aparecimento de cada unidade temática, com base em porcentagem simples.

Dessa forma, acreditamos em poder obter um panorama sintético das respostas encontradas. Segue abaixo o quadro explicativo.

Quadro 1 - Análise quantitativa das categorias.

Categorias de Análise	Subcategorias de Análise	Percentual de respostas positivas	Percentual de respostas negativas	Observações
Categoria 1: Imagem dos árbitros e seus estereótipos	Imagem do árbitro de forma geral	50%	50%	Não houve consenso se a imagem da arbitragem é positiva ou negativa.
	Pressão sobre os árbitros	75%	25%	A maioria dos entrevistados acredita numa pressão política e social.
	Imagem dentro e fora de uma partida	50%	50%	Não houve consenso. Muitos acreditam que não há diferença na visão do árbitro dentro e fora de campo.
	Preconceito	91%	9%	Para eles, o preconceito está vinculado principalmente à passionalidade do esporte.
Categoria 2: Profissionalização da Arbitragem	Influência ao apito induzido	83%	17%	A maioria acredita que a falta de profissionalização pode levar ao apito induzido.
	Redução da desconfiança	83%	17%	A desconfiança para alguns faz parte do estereótipo do árbitro.
	Redução dos erros em jogo	100%	0%	Unanimidade.
Categoria 3: Conhecimentos e Experiências Pessoais	Observação da arbitragem	83%	17%	A arbitragem está sob constante observação pelos gestores.
	Você seria árbitro?	91%	9%	Apenas um futuro gestor cogitou a possibilidade de ser árbitro de futebol.
	Respeito pelo árbitro	100%	0%	Os futuros gestores tendem a respeitar os árbitros enquanto profissionais.

Categoria 1 - Imagem dos árbitros de futebol e seus estereótipos

Tratar a respeito da imagem do árbitro de futebol é, no mínimo, dissertar sobre um tema controverso e polêmico. A primeira pergunta sobre a imagem dos árbitros (se ela era positiva ou negativa) tinha como objetivo obter um parâmetro geral sobre o que os entrevistados pensavam sobre o assunto, ou

seja, aquilo que viria direto na cabeça deles sem refletirem muito sobre a questão.

Com base nos resultados, percebemos que não existe uma imagem predominante a respeito da figura do árbitro, que por alguns carrega um ideal positivo e que por outros carrega uma conotação negativa.

Houve, outrossim, uma mistura de sentimentos e opiniões entre os entrevistados que, tendo ou não um maior conhecimento

sobre este determinado tema, divergiram sobre diversos aspectos.

Nesse contexto, percebeu-se que aqueles que possuíam um conhecimento mais profundo a respeito da atual situação dos árbitros foram mais solidários com relação à imagem dos árbitros, tratando-as como positivas. Foi comum observarmos respostas de que os árbitros se preparam da melhor maneira possível, mas que não recebem apoio suficiente, material ou psicológico, para lidarem melhor com as pressões dos jogos.

Em compensação, outros entrevistados forneceram suas opiniões com base no desempenho dos árbitros, exemplificando alguns erros que para eles foram grotescos, atrelando aos árbitros, dessa forma, uma imagem negativa. Dentre os aspectos citados para uma imagem negativa, vale destacar a falta de critérios da arbitragem, a falta de profissionalização e a repercussão negativa da figura do árbitro na mídia.

Ao perguntarmos, contudo, se os árbitros estão suscetíveis a pressões, houve maior consenso ao afirmarem em que nas partidas de futebol de maior importância o árbitro possa ser influenciado pelas pressões exercidas pelas torcidas, clubes, dirigentes, mídia, entre outros.

Sendo assim, por mais que alguns acreditem na imagem positiva dos árbitros, é consenso que os árbitros estão suscetíveis a pressões e que podem ser influenciados ao erro, mesmo que não intencionalmente. Segundo os entrevistados, essa pressão pode não advir somente do campo de jogo ou dos clubes envolvidos, mas também pode ser política e resultado das interferências das federações e confederações.

É importante ressaltar que parte dos entrevistados acredita que os árbitros no Rio Grande do Sul são bem preparados e que, por isso, não estão suscetíveis a pressões durante a partida. Para estes, a pressão sobre a arbitragem é uma invenção da mídia.

Estas respostas não permitem entrar em consonância com a nossa hipótese de que realmente há uma diferença na visão das pessoas sobre os árbitros dentro e fora de campo.

Conforme pudemos observar nas entrevistas, houve divergência quanto a visão dos futuros gestores. Metade dos entrevistados acredita que há um respeito pelo árbitro fora de campo que não acontece no

interior dos gramados, já que eles creem que o árbitro cede às pressões exercidas sobre ele durante uma partida.

Nesse contexto, pôde-se perceber que os árbitros são respeitados por diversos motivos como: solidariedade pela baixa remuneração; solidariedade pela compreensão da pressão sofrida pelo árbitro; solidariedade com relação à dificuldade da tarefa exercida; coragem do árbitro; e etc. Em compensação, para os demais entrevistados, esse respeito pelo árbitro não se modifica dentro ou fora de campo, ou seja, eles têm opiniões formadas sobre os árbitros independentemente dos seus desempenhos.

Dentro de todo esse contexto, foi praticamente consenso geral de que o árbitro sofre preconceito de alguma forma, principalmente com as questões de torcedores, dirigentes e jogadores pensarem que o árbitro pretende prejudicar o seu time.

Contudo, mais uma vez percebeu-se que este preconceito está mais relacionado com a figura do árbitro dentro de campo do que propriamente com indivíduo por si só. Ou seja, o preconceito não está relacionado ao indivíduo que exerce a atividade, mas está na atividade exercida por ele, ao estereótipo vinculado ao árbitro de futebol.

Os futuros gestores acreditam que este preconceito pode ocorrer por diversos motivos, sendo que o mais citado foi o fanatismo e a incapacidade de colocar-se no lugar dos outros, observando uma partida apenas de forma passional. Outro fator que chamou a atenção nas respostas é de que as pessoas acreditam ser fácil demais ser árbitro e, portanto, desvalorizam a sua formação.

Categoria 2 - Profissionalização da arbitragem

Em consonância com os resultados anteriores, a maior parte dos entrevistados pensa que a falta de profissionalização e a má remuneração pode ser um fator prejudicial para a arbitragem, levando ao preparo errôneo dos árbitros. Ou seja, quase totalidade dos entrevistados acredita que a preparação pessoal dos árbitros e as baixas taxas recebidas nos jogos sem a garantia de um salário fixo e benefícios trabalhistas aumentam as chances de erros durante uma partida. Pode-se inferir, com isso, que os futuros

gestores dão crédito à ideia de profissionalização da arbitragem.

Contudo, alguns entrevistados ressaltaram a dificuldade de dar andamento a este fato, já que nem clubes nem as instituições federativas apontam ter condições de sustentar o quadro completo de árbitros.

Por outro lado, alguns entrevistados ressaltaram que o apito induzido é muito mais uma questão ética pessoal do que propriamente as condições de trabalho que os árbitros estão submetidos e que, neste contexto, política e corrupção seriam os fatores determinantes para que isso ocorra. Há, nesse aspecto, uma discussão moral e ética.

Dentro da mesma perspectiva, a maioria dos entrevistados acredita que a profissionalização poderia reduzir a desconfiança com relação aos árbitros.

Os motivos que levariam a uma redução dessa desconfiança seriam, portanto, advindos da profissionalização com medidas de maior padronização das decisões da arbitragem, aumento do preparo dos profissionais, melhoria das estruturas de treinamento e acompanhamento mais preciso dos árbitros.

Todavia, alguns gestores acreditam que não haveria mudanças neste sentido, mas tão somente na qualidade e no preparo da arbitragem. Este dado é importante, pois demonstra que mesmo profissionalizando os árbitros, o estereótipo carregado por eles ao longo de décadas não permitiria aumentar a confiança sobre o seu trabalho.

Por fim, é importante ressaltar que a unanimidade dos entrevistados acredita que a profissionalização levaria a uma redução significativa dos erros de arbitragem. Apesar disso, mais de uma pessoa relatou que a profissionalização não deveria se dar somente no fator remuneração, mas também na qualificação destes profissionais.

Categoria 3 - Conhecimentos e experiências pessoais

A última categoria analisada está relacionada à experiência pessoal dos futuros gestores com a arbitragem de futebol. Levando em conta a evolução técnica, de preparação física e tecnológica dentro do futebol, cada vez mais a figura do árbitro vem sendo observada e questionada dentro das

quatro linhas, principalmente porque cada lance passa por uma severa interpretação.

Seguindo esta tendência, a maioria dos entrevistados relataram observar de alguma forma ou outra a atuação dos árbitros de futebol durante as partidas. Além disso, conforme citado anteriormente, todos disseram respeitar a figura do árbitro de futebol por ser ele um ente fundamental no futebol e de vital importância para o andamento das partidas.

No entanto, alguns citaram que o árbitro que possui sucessivos erros perde o respeito enquanto profissional, o que vai de encontro com a nossa hipótese. É importante frisar que foi relatado que o respeito está sempre vinculado à postura do profissional e que, desta forma, árbitros muito corporativistas ou árbitros que atuam somente em ligas amadoras, campeonatos de várzea e não profissionalmente, não exercem uma imagem de respeito.

Por fim, é importante ressaltar que praticamente todos os gestores apontaram que não seriam sob hipótese alguma, árbitros de futebol, com exceção de um. Além da baixa remuneração, dificuldade de atenção, falta de apoio e de perfil para a profissão, e falta de aptidão física, ficou claro durante as entrevistas que os gestores percebem a dificuldade vivida pela arbitragem, entendendo que o esforço empreendido na construção da carreira não compensa em relação aos ganhos. Outro fator que chamou a atenção foi que alguns entrevistados relataram não lidar bem com tamanha pressão sofrida pelos árbitros, o que, de certa forma, pode demonstrar que a pressão sobre essa categoria é ainda maior do que a pressão sofrida pelos dirigentes frente aos resultados.

DISCUSSÃO

Os resultados elencados no Quadro 1 estão baseados nas respostas de alguns profissionais que pretendem trabalhar ou que já atuam nas áreas de gestão de clubes de futebol.

Para Azevêdo (2009) o objetivo do gestor de qualquer negócio esportivo é dirigir a empresa a que pertence, sendo também credor do trabalho, buscando sempre os lucros econômicos e simbólicos para a sua organização.

Contudo, para este autor, é no futebol que se constata os maiores exemplos de

gestão amadorista sem qualidade e de fracassos financeiros.

Em concordância, Leoncini e Silva (2005) apontam que a principal causa para o Brasil não conseguir aproveitar seu potencial nos clubes e nas federações de futebol está relacionado à má administração dos gestores de futebol.

Por essa razão, independentemente de a administração de um clube ser de prática profissional ou amadora, ela está inserida em um contexto complexo em que interagem diversos segmentos da sociedade. Por isso, a adoção das boas práticas de governança pode constituir importante diferencial para os clubes na captação recursos, bem como na melhoria da eficiência e da legitimidade de sua gestão (Marques e Costa, 2009).

A partir desta contextualização, é possível entender que, dentre as diversas atribuições dos gestores de futebol, também é preciso saber lidar com as questões da arbitragem. Por isso, torna-se fundamental entender a visão que estes profissionais multidisciplinares têm sobre a arbitragem.

Através dos resultados encontrados, percebe-se que há uma mudança na imagem dos árbitros de futebol que ocorre simultaneamente com a evolução do futebol e o consequente surgimento do gestor de futebol.

Conforme apontam Boschilia, Vlastuin e Marchi Jr. (2008), a mercantilização esportiva e a busca por novos públicos esportivos consumidores do esporte têm trazido alterações que incluem a atuação dos árbitros.

Como sugere Claussen (2006), o árbitro é visto como uma figura de respeito, uma vez que é a única autoridade que chega ao terreno com crédito. Nele está depositada a esperança de que tudo aconteça regularmente, uma vez que o poder do futebol está na incerteza estrutural que antecede os jogos. Na qualidade de pessoa neutra e independente, o jogo não seria possível sem ele (Simon, 2004).

Neste sentido, Claussen (2006) aponta que a figura do árbitro está ligada ao cenário religioso do futebol moderno a partir da realização de uma autoridade que esteja ligada à possibilidade de justiça impositiva.

Conforme vimos anteriormente, mesmo que o árbitro exerça uma imagem respeitada fora dos gramados, existe uma

pressão na qual ele está sujeito acarretando algum tipo de instabilidade emocional.

Por isso, Nunes e Shigunov (2002) enfatizam que a função de arbitrar requer um nível de autoestima alto, diante das adversas situações que o árbitro necessita enfrentar.

Os jogadores, ao ingressarem no mundo do futebol profissional, passam a contar com uma preparação física e cuidados que envolvem equipes de médicos, nutricionistas, massagistas, técnicos, fisioterapeutas, psicólogos, entre outras especialidades (Correa e colaboradores, 2002).

Os árbitros, por sua vez, que são responsáveis por resguardarem a integridade física destes atletas, não tem apoio de nenhum profissional. Sendo assim, é possível afirmar que numa disputa esportiva está o profissional (jogador) e o amador (árbitro) (Nunes e Shigunov, 2002).

Boschilia, Vlastuin e Marchi Jr (2008) apontam que, no Brasil, a categoria dos árbitros não possui nenhuma regulamentação profissional, e não dispõem de direitos trabalhistas previstos.

Além disso, são muito comuns casos em que sequer não é ofertada assistência jurídica em sua defesa nos tribunais. Além do mais, sua remuneração se resume às taxas de partidas arbitradas, em uma relação de prestador autônomo de serviços a clubes e federações.

É importante ressaltar que, recentemente, foi aprovado o Projeto de Lei nº 6405/2002, que reconhece a profissão de árbitro de futebol, o qual tramitava na Câmara Federal desde 2002 e aguardava pauta no plenário desde 2008.

Apesar do reconhecimento da profissão representar um avanço nas questões de profissionalização, pouco se alterou efetivamente nas relações atuais existentes, uma vez que se ratifica que os árbitros e seus auxiliares não terão qualquer vínculo empregatício com as entidades desportivas diretivas onde atuarem e que as suas remunerações continuam sendo como autônomos, exonerando qualquer a entidade a que presta serviço de quaisquer responsabilidades trabalhistas, securitárias e previdenciárias (Scheffler, 2012).

Para Pereira, Aladashville e Silva (2006), é impossível atingir a imparcialidade de uma arbitragem quando esta é dependente

financeiramente da entidade de administração do desporto ou da liga organizadora do evento, pois sempre pode haver desconfiança sobre sua conduta imparcial. Neste contexto, os árbitros são cobrados excessivamente e, apesar disso, eles devem ser precisos e objetivos, pois sua atuação pode definir o espetáculo esportivo.

Hoje, as equipes de transmissão utilizam as mais avançadas câmeras que flagram todos os lances do jogo, permitindo-se afirmar, nos mínimos detalhes todos os acontecimentos (Vital, 2010).

Sendo assim, são mais comuns os comentários, críticas e observações sobre a postura da arbitragem no campo.

Nesse ponto, a atuação dos árbitros de futebol é imprescindível para o espetáculo, mas para que tenham boa atuação necessitam não só de preparo técnico, como também de boa preparação psicológica (Pereira, Santos e Cillo, 2007).

Assim, exige-se que o árbitro esteja fisicamente bem preparado, que possua conhecimentos técnicos relativos às regras e que tenha os atributos psicológicos para enfrentar a imensa variedade de situações e experiências (Rebelo e colaboradores, 2002).

Barros citado por Pereira, Aladashville e Silva (2006) ressalta o quanto é difícil dirigir uma partida de futebol no Brasil. Para o autor, existem diversos empecilhos para o adequado trabalho da arbitragem, dentre os quais a precária infraestrutura do futebol, a desonestidade de alguns dirigentes, falta de conhecimento das regras por atletas, técnicos e treinadores.

Vale concordar com Szezerbiki (2006) que o futebol brasileiro precisa de organização para se transformar em um negócio atrativo e rentável, exigindo a profissionalização em todos os setores, incluindo a arbitragem.

Pereira, Santos e Cillo (2007) acreditam que a arbitragem necessita de dedicação e empenho, que não pode ser conseguida com a divisão de funções ou profissões.

Segundo Silva citado por Pereira, Santos e Cillo (2007), o futebol se tornou uma atividade complexa que envolve grandes investimentos financeiros, planejamento e processo contínuo de aprimoramento.

Além disso, os meios de comunicação exercem um papel importante no sentido de se constituírem importantes fontes formadoras de

opinião sobre a arbitragem. A revolução pela qual a comunicação passou fez com que o futebol passasse a ser pensado por muitos profissionais da área esportiva, sempre como um negócio em ascensão.

Havendo, portanto, disputa de torcedores (consumidores) em um mercado composto por diversas atividades de lazer como internet, televisão, teatro, cinema, entre outros. Assim, não há mais espaço para amadorismo no esporte, principalmente quando falamos da figura que comanda o espetáculo: o árbitro de futebol.

Nesse sentido, em um futebol cada vez mais tratado como negócio, que movimenta milhões de dólares anualmente, a não profissionalização dos árbitros em escala não apenas brasileira ou sul-americana, mas mundial, é uma das maiores lacunas que ainda existe nesse esporte (Boschilia, Vlastuin e Marchi Jr, 2008).

A UEFA, a FIFA e a Federação Inglesa já esboçam um princípio de profissionalização da arbitragem, ao entenderem que o futebol se tornou mais competitivo e mais rápido nos últimos anos e que o árbitro não pode permanecer à margem desse desenvolvimento (Da Silva, Perez e Fernandes, 2007).

A forma como o atual futebol se constitui exige mais dos jogadores, dos gestores e dos árbitros e, para tanto, a profissionalização de todos os setores passa a ser pré-requisito para um completo espetáculo.

Essa visão vai ao encontro com o que foi encontrado na nossa pesquisa, uma vez que todos os entrevistados acreditam que a profissionalização da arbitragem vem a ser benéfica para o espetáculo.

Não restam dúvidas de que o futebol vem evoluindo e tornando-se mais complexo. Esse longo processo que se acelerou nos últimos anos provocou uma série de mudanças nas formas de gestão dos clubes e na maneira que os diretamente envolvidos no espetáculo são vistos e cobrados.

Dentre estes, prevalece a figura do árbitro de futebol, alvo de inúmeros preconceitos e cobranças excessivas quanto ao seu desempenho.

Não procuramos, em nenhum momento, defender ou desmistificar a imagem dos árbitros de futebol, mas tão somente entender como eles são vistos pelos gestores de clubes de futebol no RS e de que forma

isso poderia influenciar neste processo de gestão. Sendo assim, acreditamos que este estudo possibilitou apreendermos uma dimensão importante do futebol, à medida que forneceu subsídios para o melhor entendimento da figura que o árbitro exerce sobre aqueles que comandam o futebol fora de campo.

CONCLUSÃO

Percebeu-se que o árbitro de futebol continua sendo visto com preconceito, principalmente quando vinculado às suas decisões dentro de campo. Entretanto, isso vem se modificando à medida que o papel do árbitro passa a exercer certa centralidade nos meios midiáticos e seu trabalho passa a ser reconhecido pela importância ao espetáculo, o que apareceu frequentemente nas respostas do estudo.

Com isso, verificou-se que há uma forte vinculação dos árbitros com os estereótipos do esporte, o qual se caracteriza pela incerteza estrutural no que concerne às previsões de resultados e a fatores externos, tais como o clima e as torcidas. Percebe-se, portanto, que a figura do árbitro acaba sendo responsabilizada por qualquer fato decorrente das incertezas e imprevisões que circundam as partidas de futebol. Neste sentido, o preconceito parece não estar relacionado ao indivíduo que exerce a atividade, mas está na atividade exercida por ele, ao estereótipo vinculado ao árbitro de futebol.

Mesmo assim, não foi possível confirmar a nossa hipótese de que realmente há uma diferença na visão das pessoas sobre os árbitros dentro e fora de campo. Apesar de muitos gestores considerarem a diferença de respeito dentro e fora de campo em função da pressão exercida sobre os árbitros no decorrer das partidas, muitos entrevistados acreditam terem opiniões formadas sobre os árbitros independentemente dos seus desempenhos nos jogos.

Cabe ressaltar também que parece haver, por parte dos gestores, uma maior compreensão das dificuldades perpassadas pelos árbitros. Neste contexto, aqueles que observam mais o trabalho da arbitragem ou que têm maior conhecimento sobre o assunto, parecem não ver a arbitragem por meio de um prisma mal intencional, mas creem na

fiabilidade humana e na sujeição do indivíduo à pressão exercida sobre ele.

Sendo assim, há indícios de que a mudança na imagem dos árbitros de futebol ocorre simultaneamente com a evolução do futebol e o consequente surgimento do gestor de futebol. Neste ponto todos os entrevistados foram enfáticos: a profissionalização seria fundamental para a melhor preparação dos árbitros, mesmo que talvez isso não mudasse a imagem que se tem sobre a categoria.

Entretanto, a pesquisa apresenta algumas limitações no que diz respeito à insuficiente quantidade de artigos analisados que abordassem a mesma temática e ao número de indivíduos entrevistados. Conseqüentemente, o estudo pode ter sido prejudicado pela dimensão da análise feita que ficou restrita a um grupo específico. Sugerem-se novos estudos que permitam ampliar a abordagem entre arbitragem e a gestão de clubes de forma a dar subsídio a novas proposições e debates.

REFERÊNCIAS

- 1-Azevêdo, P.H. O esporte como negócio: uma visão sobre a gestão do esporte nos dias atuais. Estudos. Goiânia. Vol. 36. Num. 9/10. p.929-939. 2009.
- 2-Azevêdo, P.H.; Barros, J.F.; Suaiden, S. Caracterização do perfil do gestor esportivo dos clubes da primeira divisão de futebol do Distrito Federal e suas relações com a legislação esportiva brasileira. Revista da Educação Física/UEM. Maringá. Vol. 15. Num. 1. p.33-42. 2004.
- 3-Bardin, L. Análise de conteúdo. Lisboa. Edições 70. p.288. 2000.
- 4-Boschilia, B.; Vlastuin, J.; Marchi JR, W. Implicações da espetacularização do esporte na atuação dos árbitros de futebol. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas. Vol. 30. Num. 1. p.57-73. 2008.
- 5-Claussen, D. Sobre a estupidez no futebol. Análise Social. Lisboa. Vol. XLI (179). p.583-592. 2006.
- 6-Correa, D. K. A; Alchieri, J. C; Duarte, L. R. S; Strey, M. N. Excelência na Produtividade: A Performance dos Jogadores de Futebol

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

Profissional. Revista Psicologia: Reflexão e Crítica. Porto Alegre. Vol. 15. Num. 2. p.447-460. 2002.

7-Da Silva, A. I.; Perez, R. F.; Fernandes, L.C. Índice de massa corporal e perímetros da cintura de árbitros de futebol da CBF. Revista da Educação Física/UEM. Maringá. Vol. 18. Num. 1. p.41-47. 2007.

8-Leoncini, M. P.; Silva, M. T. Entendendo o futebol como um negócio: um estudo exploratório. Revista Gestão e Produção. São Carlos. Vol. 12. Num. 1. p.11-23. 2005.

9-Marques, D. S. P.; Costa, A. L. Governança em clubes de futebol: um estudo comparativo de três agremiações no estado de São Paulo. Revista de Administração. São Paulo. Vol. 44. Num. 2. p.118-130. 2009.

10-Nunes, R.; Shigunov, V. Autoestima do árbitro de futebol profissional do estado de Santa Catarina. Revista da Educação Física/UEM. Maringá. Vol. 13. Num. 2. p.71-79. 2002.

11-Pereira, A. J.; Aladashvile, G. A.; Silva, A. I. Causas que levam alguns árbitros a desistirem da carreira de árbitro profissional. Revista da Educação Física/UEM. Maringá. Vol. 17. Num. 2. p.185-192. 2006.

12-Pereira, N. F.; Santos, R. G. M.; Cillo, E. N. P. Arbitragem no futebol de campo: estresse como produto desse controle coercitivo. Revista Brasileira de Psicologia do Esporte. São Paulo. Vol. 1. Num. 1. p.1-11. 2007.

13-Proni, M.W. Marketing e organização esportiva: elementos para uma história recente do esporte-espetáculo. Conexões educação, esporte e lazer. Campinas. Vol. 1. Num. 1. p.82-94. 1998.

14-Rebelo, A.; Silva, S.; Pereira, N.; Soares, J. Stress físico do árbitro de futebol no jogo. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto. Portugal. Vol. 2. Num. 5. p.24-30. 2002.

15-Scheffler, A. P. Árbitro de futebol: profissão. Porto Alegre, 19 maio 2012. Disponível em: <<http://www.safergs.com.br/content/view/3626/>>. Acesso em 22/05/2012.

16-Simon, C. E. Na diagonal do campo. São Leopoldo. Unisinos. p.126. 2004.

17-Szezerbiki, A. S. A gestão do conhecimento em equipes de alta performance: o caso do Clube Atlético Paranaense. Revista produção online. Santa Catarina. Vol. 6. Num. 3. p.55-61. 2006.

18-Vital, R. P. Responsabilidade civil do árbitro de futebol. In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, 79. 1 agosto 2010. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8189>. Acesso em 21/03/2012.

Recebido para publicação em 07/02/2015
Aceito em 12/03/2015